

## “Mais de 30 engravidou” - a mulher como algoz de seu próprio crime: enquadramento das notícias do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro em maio de 2016<sup>1</sup>

Yasmin Ribeiro Gatto CARDOSO<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o enquadramento jornalístico da violência sexual sofrida por uma menor de 16 anos no Rio de Janeiro, em maio deste ano. O caso teve repercussão internacional e até hoje gera debates e polêmicas sobre a versão noticiosa dos fatos e sobre a veracidade do ocorrido. Não é finalidade deste artigo inferir se houve ou não o estupro, mas de expor como a vítima, enquanto mulher, foi tratada pelos meios de comunicação e como rapidamente ela se tornou a culpada pelo crime. Assim, utilizam-se os conceitos de enquadramento jornalístico e de estudos de gênero. As mídias escolhidas para a análise são os jornais online do Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e G1.

**Palavras-chave:** Enquadramento jornalístico; Gênero; Feminismo; Espetáculo;

### Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar o enquadramento de algumas mídias em relação ao estupro da menor de 16 anos no Rio de Janeiro em maio deste ano. O caso teve repercussão internacional<sup>3</sup> e até hoje gera debates e polêmicas sobre a versão dos fatos e sobre a veracidade do ocorrido. Não é de objetivo deste artigo inferir se houve ou não o estupro, mas de expor como a vítima, enquanto mulher, é tratada pelos meios de comunicação e como rapidamente ela se torna a culpada pelo crime. Outro aspecto é de como a mídia tem papel nessa produção de sentido, e que ao noticiar de forma rápida, sem apuração, joga com os leitores para que haja uma disputa entre “suposta” vítima e “supostos” culpados. As mídias escolhidas para serem analisadas são os jornais online: Estado de São Paulo, A Folha de São Paulo e o G1.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática da Unesp, campus Bauru e-mail: [yasmingatto@faac.unesp.br](mailto:yasmingatto@faac.unesp.br)

<sup>3</sup> O jornal americano The New York Times afirmou "indignação generalizada e pedidos para que o governo federal combata crimes contra as mulheres". A rede britânica BBC News disse que a divulgação do vídeo "chocou o Brasil" e reportou uma série de protestos que foram realizados em repúdio à violência contra a mulher. O jornal canadense The Globe and Mail registrou a busca da polícia pelos suspeitos e falou sobre a cultura do estupro.

Historicamente, a desigualdade entre homem e mulher está posta na sociedade e essa disparidade vem sendo perpetuada por meio de discursos machistas que são propagados pelos aparelhos privados de hegemonia<sup>4</sup>. É válido ressaltar também que o machismo é essencial para a reprodução desigual da força de trabalho.

A mídia, como um dos aparelhos principais de hegemonia, tem papel preponderante na formação de discursos o que dá a ela muitos poderes quando se fala em discussão de gênero, mas de acordo com Miguel (2014) o debate sobre a mulher se tornou senso comum, sobretudo, no discurso jornalístico, que apresenta a luta pelos direitos da mulher como algo superado “uma vez que as mulheres obtiveram acesso à educação, direitos políticos, igualdade formal no casamento e uma presença maior e mais diversificada no mercado de trabalho” (p. 17), mas mesmo com todos esses avanços, as evidências do domínio masculino são preponderantes na sociedade.

As análises são feitas, sobretudo, por meio do conceito de enquadramento jornalístico entendendo “(...) os enquadramentos como acontecimentos que fazem com que se entenda como os jogos de poder, as disputas de sentidos e os atores envolvidos nas interações com o jornalismo estão presentes nos textos” (CARVALHO, 2012, p. 19).

### **Enquadramento Jornalístico**

A atividade jornalística permite ao jornalista promover ‘recortes’ do real, excluindo assim alguns aspectos dos acontecimentos ou dando ênfase a outros fatos, ou seja, ao fazer esses recortes arbitrários o repórter não noticia na perspectiva da totalidade, mas sim por meio de fragmentos, isto é, de enquadramentos.

Segundo Carvalho (2009) o conceito de enquadramento utilizado por pesquisadores atuais é de Erving Goffman e tem sido um dos suportes para entender como as notícias são apresentadas pelos jornalistas. “O enquadramento está centrado em reflexões acerca dos modos como é possível, a cada indivíduo, identificar a situação diante da qual se encontra em presença” (CARVALHO, 2009, p.3).

O enquadramento vai possibilitar ao indivíduo uma interpretação da notícia, podendo ele entender a cena que está sendo apresentada para ele naquele momento.

(...) narrar um acontecimento transformado em notícia, dando-lhe um enquadramento, consiste, (...) na seleção de aspectos que deem à narrativa sobre ele inteligibilidade, a partir de estruturas cognitivas e quadros de referência que conduzirão a uma determinada visão, dentre uma série de

---

<sup>4</sup> Escola, Igreja, sindicatos, partidos políticos e mídia (MORAES, 2016).

outras possíveis, relativamente ao que é apresentado ao fruidor da informação daí resultante (CARVALHO, 2009, p.5).

Essa teoria é importante na hora de analisar materiais jornalísticos, pois ela possibilita ao pesquisador perceber dentro dos textos o tema selecionado e o que foi enfatizado, podendo ele ainda pensar sobre os aspectos excluídos e o possível motivo dessa exclusão por parte dos próprios jornalistas.

(...) ao fornecerem, repetirem e, reforçarem palavras e imagens que referenciam algumas ideias, mas não outras, os enquadramentos tornam algumas ideias mais salientes no texto, outras menos e outras inteiramente invisíveis. As orientações dos enquadramentos são difíceis de detectar porque muitos artificios podem parecer “naturais”, simples escolhas de palavras ou imagens (ENTMAN, 1993 apud SOARES, 2009).

É válido pensar também como os operadores jornalísticos e os consumidores desses produtos interagem e dão suporte para o entendimento dos acontecimentos sociais entrando assim em uma reprodução de ideias, salientando aspectos que favorecem determinadas características sendo elas boas ou ruins para o gênero feminino.

O enquadramento, forma de representação do próprio jornalismo, exerce forte influência nos leitores e isso é confirmado por meio de várias pesquisas empíricas (SOARES, 2009). A representação não é apenas uma informação pontual, ela traz consigo um tipo de simulação de objetos, eventos, manifestações, relações sociais com o objetivo de mostrá-los de alguma maneira.

### **Gênero e Comunicação**

As pesquisas em gênero têm crescido dentro do âmbito da comunicação, visto que, muitos trabalhos acadêmicos, com destaque para Cerqueira (2008), Mazer (2013) e Santos (2002), tem discutido como a mídia constrói a imagem da mulher, como elas são noticiadas e de que modo isso influi na visão da sociedade sobre elas. Quando se pensa em representação jornalística é importante refletir sobre os mais diversos temas relacionados ao feminismo<sup>5</sup>, como: padrão de beleza, violência doméstica, simbólica, social, como as mulheres se tornam fetiches nos jornais, como elas são fontes de notícias e etc.

---

<sup>5</sup> “O movimento feminista vem travando uma luta no sentido de denunciar os conceitos de “masculino” e “feminino” na sua oposição de “superior” e “inferior”. Esta hierarquia entre masculino – superior e o feminino – inferior é uma construção ideológica e não reflexo da diferenciação biológica. Esta diferenciação não implica em desigualdade. (...) o movimento feminista tem colocado como bandeira de luta: funções iguais,

Segundo Haraway (1991, p.211), o conceito de gênero foi articulado e teorizado no contexto dos movimentos de mulheres feministas do pós-guerra. Esta classificação não pode ser encontrada nos escritos de Marx e Engels, embora os autores marxistas tenham dado importante contribuição para teorizações posteriores sobre gênero, mas em Simone de Beauvoir, cuja reflexão adverte que “não se nasce mulher, mas torna-se mulher<sup>6</sup>” inaugura as observações modernas sobre gênero e possibilita a construção das mulheres como um coletivo histórico, ou seja, sujeitos em processo.

É válido destacar que essa distinção entre sexo/gênero e natureza/cultura permitiu o combate de determinismos biológicos que eram utilizados contra as feministas na época. “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (HARAWAY, 1991, p.211).

A expressão “relações de gênero” vem sendo utilizada no campo das ciências sociais a partir de uma perspectiva culturalista onde essas categorias diferenciais não implicam um reconhecimento de uma essência masculina ou feminina. Quartim de Moraes (2000, p.96) aponta que

O que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica mas de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder. A categoria gênero ressalta a dimensão flutuante do ser homem e do ser mulher e, nessa medida, precisa recorrer a outras teorias para dar conta desta situação de amálgama entre o ser biológico e o ser social.

Já Saffioti (2004, p.45) explicita que há ainda um campo limitado de consenso sobre esta categoria dizendo que “o gênero é a construção social do masculino e do feminino”. A autora anuncia uma nova perspectiva para se trabalhar com estes conceitos dizendo que eles não devem ser usados ou pensados de forma separada.

A elaboração social do sexo (SAFFIOTI, 1969) deve mesmo ser ressaltada, sem, contudo, gerar a dicotomia sexo e gênero, um situado na biologia, na natureza, outro, na sociedade, na cultura. É possível trilhar caminhos para eliminar esta dualidade. Algumas poucas teorias já formuladas tem tratado de fugir das categorias cartesianas, com certo êxito. Um grande contingente de feministas, mulheres e homens, tem

---

salários e direitos iguais; igualdade de oportunidade no acesso ao mercado de trabalho e à ascensão e aprimoramento profissional” (ALVES, Branca e PITANGUY, Jacqueline, 2003).

<sup>6</sup>(...) essas qualidades ‘femininas’ são fruto, portanto, da nossa opressão (...). Dizer que a mulher tem ligações especiais com a terra, com o ritmo lunar, com as marés, etc. Que mais tem alma, que é naturalmente menos destruidora. Não, se houver alguma verdade nisso tudo, não é em função de nossa natureza e sim de nossas condições de vida. As garotinhas ‘tão femininas’ são fabricadas assim e não nascidas assim. Numerosos estudos o provam. *A priori*, uma mulher não tem valor especial porque é mulher. Seria biologismo mais retrógrado, em contradição com tudo o que penso (DE BEAUVOIR, 1976, p. 77 apud SCHWARZER, 1986).

combatido o raciocínio dualista, o que já representa algo (SAFFIOTI, 2004, p.108).

A postura assumida por Saffioti (2004) consiste em considerar sexo e gênero uma unidade, sendo que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida. A autora leva em conta a ontogênese (estudo do ser social), mostrando deste modo, que não há separação entre as esferas ontológicas, sendo elas, a orgânica, a inorgânica e o próprio ser social. “O ser humano deve ser visto como uma totalidade, na medida em que é uno e indivisível” (SAFFIOTI, 2004, p.110).

### **Contexto do caso analisado**

O estupro coletivo, ocorrido no dia 21 de maio de 2016 no complexo de favelas São José Operário, zona oeste do Rio de Janeiro, de uma menor de 16 anos chocou a sociedade brasileira. A menor só teve coragem de dar seu primeiro depoimento à polícia cinco dias depois do acontecimento. A mídia, ao divulgar o caso que ainda estava sendo apurado pela polícia, afirmou de forma enfática que a menina tinha sido estuprada por trinta e três homens. Até julho deste ano a polícia não terminou as investigações, sabe-se que o crime ocorreu, mas não há exatidão da extensão dos participantes. As últimas investigações apontam a participação de sete homens.

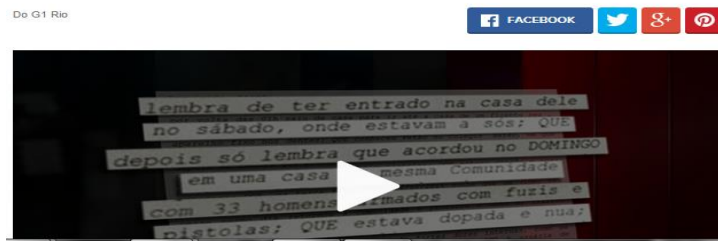
Dois pontos são passíveis de análise neste fato, o primeiro deles é a espetacularização e o sensacionalismo da notícia como forma de atrair o público mesmo sem ter sido provado o número exato de participantes e o segundo destaque é para a forma que a menina foi tratada pelos meios de comunicação. As notícias começaram a ser divulgadas a partir do dia 26/05, dia em que a menina prestou o primeiro depoimento para a polícia.

### **Análise**

O G1 publicou: “**Vítima de estupro** coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua” (grifos nossos). A matéria afirma que a jovem foi violentada por pelo menos trinta homens, que sentia dores no útero e que ela e a família estavam bastante abaladas com o acontecimento. A matéria narra todo o acontecimento e o andamento das investigações.

## Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua

Revista 'Veja' teve acesso a parte do depoimento da adolescente. Um suspeito do crime foi identificado, segundo a Polícia Civil.

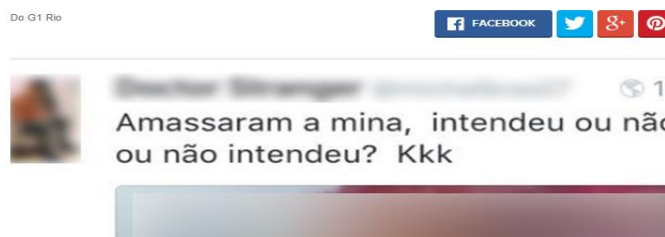


Matéria 26/05

Horas depois do mesmo dia o mesmo site de notícias publica: “Polícia identifica um dos suspeitos de participar de estupro coletivo no Rio”. Na linha de apoio o jornal traz: “Jovem que **teria sido** abusada por vários homens (...)” (grifos nossos). Nesta notícia o jornal aborda a vítima como uma “suposta vítima”, mas o detalhamento do caso continua sendo o mesmo da primeira matéria.

## Polícia identifica um dos suspeitos de participar de estupro coletivo no Rio

Jovem que teria sido abusada por vários homens é submetida a exames. ‘O vídeo é chocante, eu assisti’, diz avó de adolescente de 16 anos.



Matéria 26/05

Já no dia 29/05 o G1 publicou uma matéria que trazia a entrevista da menor que relatou tudo o que estava passando após o crime. Ela inclusive fala na entrevista de ameaças de morte nas redes sociais e por telefonema, relata ainda o modo como foi tratada pelo delegado de polícia, Alessandro Thiers, que fora afastado do caso. Um trecho da matéria:

“O próprio delegado me culpou. Quando eu fui à delegacia eu não me senti à vontade em nenhum momento. Eu acho que é por isso que muitas mulheres não fazem denúncias. Tentaram me incriminar, como se eu tivesse culpa por ser estuprada”, relatou a menor, que afirma que chegou a pedir para que o depoimento fosse interrompido. Ele colocou na mesa as fotos e o vídeo. Expôs e falou: ‘me conta aí’. Só falou isso. Não me perguntou se eu estava bem, se eu tinha proteção, como eu estava. Só falou: me conta aí, relatou a adolescente” (G1, 2016).



## ‘O próprio delegado me culpou’, diz menor que sofreu estupro no Rio

Jovem contou ao 'Fantástico' que está se sentindo em 'cárcere privado'. Ela afirma ainda que nunca havia sofrido violência sexual.

Do G1 Rio



Matéria 29/05

No dia 30, o mesmo portal de notícias publicou uma matéria intitulada: “Laudo feito quatro dias após estupro no Rio não aponta indício de violência”. Neste texto o chefe da Polícia Civil, Fernando Veloso, diz ironicamente que os exames não trazem vestígios de sangue o que pode contrariar o senso comum, ou seja, a população achava que tinha sido estupro e os exames iriam comprovar o contrário. Trecho da matéria:

“Não há vestígios de sangue nenhum que se possa perceber pelas imagens que foram registradas. Eles [os peritos] já estão antecipando, alinhando algumas conclusões quanto ao emprego de violência, quanto à coleta de espermatozoides, quanto às práticas sexuais que possam ter sido praticadas com ela ou não. **Então, o laudo vai trazer algumas respostas que, de certa forma, vão contrariar o senso comum que vem sendo formado por pessoas que sequer assistiram ao vídeo**”, concluiu Veloso (G1, 2016).

## Laudo feito 4 dias após estupro no Rio não aponta indício de violência

Demora em fazer exame foi determinante para o resultado, diz documento. Chefe da polícia disse que perícia de vídeo pode contrariar o senso comum.

Do G1 Rio



Matéria 30/05

A Folha de São de Paulo, no dia 30 de maio, também publicou uma matéria em relação ao caso, intitulada: “‘Estupro está provado’, diz delegada sobre caso no Rio;

suspeitos são presos”, mas o enquadramento dado ao texto foi totalmente diferente do que o da matéria do G1 do mesmo dia. Um trecho da matéria:

Segundo os policiais, a perícia técnica do IML ficou prejudicada, por causa do tempo decorrido entre o crime e o exame. **"Não foram colhidos indícios de violência, o que não quer dizer que ela não aconteceu", disse o chefe da Polícia Civil.** A diretora do IML afirmou que os peritos procuraram material biológico dos estupradores no corpo da vítima e não encontraram. Diferentes fatores, segundo ela, interferem nessa questão, desde o uso de preservativos até o tempo decorrido para o exame. "O prazo de cinco dias dificulta muita coisa. Quanto mais próximo da violência for o exame, mais fácil é a gente detectar qualquer vestígio. O corpo tem reações que são muito fugazes, desaparecem rapidamente. Então, quanto mais próximo da lesão for o exame, maiores as chances de produzir provas técnicas", disse Adriane Rego. **“Os vestígios se perderam em razão dos vários dias que se passaram. Mas a polícia não pode afirmar que não houve lesão só porque o laudo não constatou”** (Folha de São Paulo, 2016, grifos nossos).



Neste texto, os jornalistas explicaram por meio das falas dos entrevistados que não foi porque não existiam vestígios de estupro que ele não poderia ter ocorrido, pois diversos fatores dificultaram a investigação, como por exemplo, a demora na realização dos exames. O Jornal o Estado de São Paulo também no dia 30 de maio publica uma matéria dizendo: “Imagens comprovam estupro coletivo, afirma delegada; há dois presos e quatro foragidos”. O Estadão, assim como a Folha, discorrem de forma explicativa sobre o crime ocorrido e colocam a delegada como fonte explicando para os leitores que o fato de não haver provas nos exames de estupro não significa que não tenha ocorrido. Neste texto, o chefe da Polícia Civil fala ainda que teve estupro e que fica comprovado no vídeo, só não se tem certeza da extensão do crime.





Matéria 30/05

Os últimos jornais citados não colocam o chefe da polícia como alguém que desmerece o caso, tampouco falam de forma pejorativa sobre o ocorrido pelo fato de não haver provas concretas. Isso tudo pode ser identificado pelo enquadramento que foi dado aos textos. Foi dado bastante destaque para a delegada que assumiu o caso, pois ela afirma que houve crime, mesmo sem saber quantos foram.

### Síntese da cobertura

Com base nas análises das matérias dos jornais G1, a Folha de São e o Estado de São Paulo infere-se que a mídia foi precipitada ao divulgar o número de 33 homens e de ter anunciado para os leitores que houve estupro e horas depois ter praticamente desmentido a menina por falta de provas. “O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retorna em si a ordem espetacular à qual adere a forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados” (DEBORD, 2003).

Ou seja, a vida real toma caráter de espetáculo, logo, de mercadoria porque a notícia “foi estuprada por mais de 30” vende mais que “houve violência sexual, mas não se tem certeza de quantos estavam envolvidos”, é o valor-notícia também sendo empregado para a escolha do enquadramento jornalístico e a escolha vai ser sempre pela manchete que vende mais, pois segundo Debord (2003) “o espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias”.

Além do espetacular “mais de 30”, com o passar das horas não se tinha certeza se tinha acontecido um crime e para reverter a falta de apuração, os meios de comunicação colocaram diversos fatores como determinantes como, por exemplo, dados de que ela era

envolvida com o tráfico de drogas, que ela era usuária de substâncias entorpecentes e que ela tinha tido um filho com 13 anos e principalmente na noite do crime ela estava sob efeito de drogas e estava em um baile funk. Como que a mídia pode se utilizar desses discursos para tentar consertar um erro de apuração? Os meios de comunicação, ao enquadrarem a notícia, eles colocam a menor como culpada do crime por estar em um baile funk e, sobretudo, por usar drogas. Segundo Carvalho (2012, p. 175)

Enquadramentos permitem ao jornalista processar grandes quantidades de informação rápida e rotineiramente: reconhecê-la como informação, associá-la a categorias cognitivas e empacotá-la para retransmissão eficiente às suas audiências. Assim, por razões organizacionais por si só, os quadros são inevitáveis, e o jornalismo está organizado para regulamentar a sua produção. Qualquer abordagem analítica para o jornalismo tem de perguntar: Qual é o enquadramento aqui? Por que este enquadramento e não outro? Que padrões são compartilhados por enquadramentos ligados a este evento e os enquadramentos ligados àquele outro, por que enquadramentos em mídias diferentes? E como a instituição de veiculação de notícias fragmenta essas regularidades? E então: Que diferença os enquadramentos fazem (...)?

Quais os padrões reproduzidos por esses enquadramentos publicados pelos jornais? Para consertar um erro de apuração, eles acusam, usam termos pejorativos, reafirmam estereótipos de que uma mulher que está em um baile funk, por exemplo, e que usa drogas merece ser estuprada porque esses fatos fazem dela uma incitadora e não uma vítima dessa sociedade machista em que se vive, onde a cultura do estupro<sup>7</sup> é forte e reproduzida diariamente pelos meios de comunicação, seja por meio de publicidade ou pela forma em que as mulheres são retratadas nos materiais jornalísticos.

(...) os meios de comunicação modernos são a concretização tecnológica máxima da “representação” naquele sentido de uma reapresentação, a partir da semelhança, da figurativividade da imagem, da simulação. Como aparentam ser ou mesmo se apresentam como um retrato do mundo, essas representações instauram ou sancionam, homologam, naturalizam certos vieses, os quais, no âmbito discursivo, sugerem que esse é o modo de ser da sociedade representada, podendo servir para fixar ou confirmar estereótipos étnicos, sociais, de gênero, profissionais. Trata-se ora da instauração de padrões “normais” ou “modelos”, ora de imagens pejorativas ou idealizadas de populações, categorias sociais, minorias etc. (...) (SOARES, 2009, p. 18-20).

---

<sup>7</sup> O termo foi cunhado na década de 70 por feministas americanas e, de acordo com o Centro das Mulheres da Universidade Marshall, nos Estados Unidos, é utilizado para descrever um ambiente no qual o estupro é predominante e no qual a violência sexual contra as mulheres é normalizada na mídia e na cultura popular (Revista Galileu, edição junho de 2016).

Levando em consideração as contribuições de Soares (2009) pode-se afirmar que houve uma naturalização/banalização do caso após o espetáculo dos “mais de 30” ter sido desfeita porque os exames não comprovaram a violência, ou seja, se fosse certeza que a menor havia sido estuprada por mais de 30 homens, o fato merecia destaque, mas como a prova é que tinha sido “apenas 7” o crime não merecia mais tanta repercussão e o que os jornais fizeram foi diminuir a questão e justificar a violência sofrida por ela.

A negação da realidade do estupro decorre amplamente do fato de que a validade do consentimento dos indivíduos é distintamente considerada se são homens ou mulheres e isso agrava quando se leva em consideração a posição de classe dessas mulheres e possíveis “desvios” em sua vida sexual em relação aos códigos morais predominantes (...). Há, assim, indícios de que essas formas de violência são, em algum grau, toleradas socialmente, mantendo-se como uma possibilidade constante no horizonte da imaginação social vigente. A violência contra a mulher pode ser entendida como uma prática social, e (...) sistêmica porque dirigida a membros daquele grupo (BIROLI, 2014 apud MIGUEL, 2014).

Portanto, os meios de comunicação ao enquadrarem a menor até hoje como “a suposta vítima”; “estava no baile funk e era usuária de drogas” coloca esses supostos desvios da menor como uma justificativa para o ato. Vale dizer ainda que essa cultura do estupro não é difundida desde hoje, isso parte da ideia da mulher enquanto um objeto de desejo e propriedade do homem. “Estamos acostumados a valorizar a mulher não como personalidade, com qualidades e defeitos individuais (...). Para nós, a mulher só tem valor como acessório do homem” (KOLONTAI, 2011, p. 54).

### **Considerações Finais**

De acordo com as análises feitas, pode inferir que a mídia espetacularizou o caso e fez uma abordagem machista do acontecimento, teve reprodução de um discurso estereotipado no trato de um estupro de mulher. Sempre o que conta são os possíveis desvios de conduta da mulher, há sempre uma investigação da vida dela como se esses fatores influenciassem diretamente no ato de ser estuprada. Nenhuma mulher quer ser estuprada e nada justifica a violência.

Esse acontecimento gerou tanta polêmica que um evento foi criado por meio das redes sociais para discutir e debater a cultura do estupro. O ato realizado em diversas partes

do Brasil chamado “Por Todas Elas<sup>8</sup>” reuniu pessoas que lutam pela equidade de gênero e mulheres que já foram vítimas de estupro ou assédio. Este evento destacou a cobertura da mídia e pediu que assuntos deste cunho sejam publicados com mais responsabilidade. Tem-se mais uma vez a discussão da responsabilidade do jornalismo na reprodução de notícias e na produção de sentido, os telespectadores/ leitores se sentiram prejudicados com a forma que a mídia noticiou o fato.

Os enquadramentos destacaram aspectos e excluíram outros, ocultando informações importantes para que as pessoas ficassem bem informadas e dando muita ênfase para o “foram mais de 30” sem ao menos fazer uma cobertura humanizada do caso, ou seja, o importante na hora de noticiar foi o espetáculo dos “30” e não a crueldade de um crime que cada vez mais está sendo banalizado pela sociedade e pela mídia massiva. Ainda se pode falar de toda violência que a menor sofreu e ainda sofre nas redes sociais, vários vídeos foram feitos denegrindo-a e funks não param de surgir, mas a mídia não tem mais noticiado o caso e as investigações continuam em andamento.

## Referências

ALVES, B. M. **O que é feminismo**/ Branca Moreira Alves/ Jacqueline Pitanguy – São Paulo: Brasiliense, 2003.

CARVALHO, C. A. **Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico**. Contemporânea, vol7, nº2. Dez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo, Homofobia e Relações de Gênero**. 1 ed, Curitiba: Appris, 2012  
CERQUEIRA, Carla Braga. **A Imprensa e a Perspectiva de Gênero**: Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. Observatório. Portugal, 2008.

HARAWAY, D. **Gênero para um dicionário marxista**: a política sexual de uma palavra. In: Simians, Cyborgs, and Women. Londres, 1991 (Tradução: Mariza Côrrea).

KOLONTAI, A. **A Nova Mulher e a Moral Sexual** – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MAZER, D. H. **Impressões do Corpo Feminino**: reificação e representação da mulher na imprensa. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. S. Cruz do Sul – RS, 2013.

---

<sup>8</sup> Imagens – Anexo 1

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e Política**: uma introdução/Luiz Felipe Miguel, Flávia Biroli. - 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAES, D. **Crítica da Mídia e Hegemonia Cultural**. Rio de Janeiro Maud X: 2016

QUARTIM DE MORAES. M. L. **Marxismo e Feminismo**: afinidades e diferenças. Crítica marxista, Campinas – SP, v.11, 2000.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência** – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, P. **O corpo em pedaços: análise do discurso sobre mulher nos outdoors de Maringá**. Unimontes Científica. Montes Claros, 2002.

SCHWARZER, A. **Simone de Beauvoir hoje**/Simone de Beauvoir; [entrevistas concedidas a] Alice Schwarzer; tradução de José Sanz – Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SOARES, M. C. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: cultura acadêmica, 2009.

## Anexo 1



Banner utilizado no evento “Por Todas Elas”

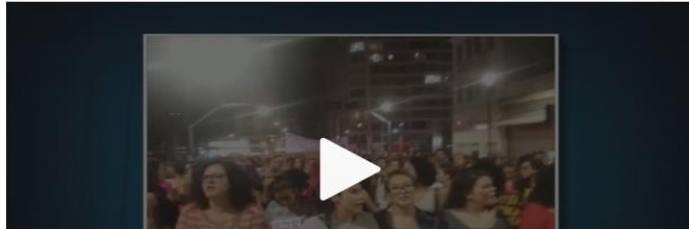
Repercussão do evento na mídia:

01/06/2016 20h32 - Atualizado em 01/06/2016 20h45

## Manifestantes fazem ato contra estupro no Centro de Campinas

Grupo usou faixas e cartazes para alertar sobre violência contra mulher. Manifestação percorreu vias como Francisco Glicério e Moraes Sales.

Do G1 Campinas e Região



08/06/2016 18h57 - Atualizado em 08/06/2016 20h48

## Ato contra 'cultura do estupro' ocupa faixas da Avenida Paulista, em SP

Manifestação bloqueou vias do centro e foi encerrada na Praça Roosevelt. Grupo se reuniu não vão livre do MASP por volta das 17h15.

Do G1 São Paulo



## Mulheres fazem ato contra o machismo no Centro do Rio

Manifestação lembra estupro coletivo de adolescente. Grupo se concentrava na Candelária e caminhou em direção à Zona Norte.

Nicolas Satriano  
Do G1 Rio





## Grupo protesta contra estupro e machismo no Centro do Recife

“Violência contra a mulher também é problema seu”, mostrava cartaz do ato. Motivado por recente estupro coletivo no RJ, ato ocorreu na Praça do Derby.

Do G1 PE



01/06/2016 19h13 - Atualizado em 01/06/2016 20h21

## Mulheres fazem ato contra cultura do estupro em cidades do Sul de Minas

Estudantes e coletivos organizaram atividade em Poços de Caldas, MG. Em Pouso Alegre, ato 'Por Todas Elas' aconteceu no Centro da cidade.

Jéssica Balbino e Daniela Ayres  
Do G1 Sul de Minas

